



A Favela não só fala, mas ouve também! A voz de dentro na descrição sonora

Thiago Torres (Chavoso da USP)¹
Thiago Barbosa Alves de Souza²

Resumo

Trazendo noções dos estudos dos subalternizados (SPIVAK, 2010) para o campo sonoro/musical, este artigo relata a experiência sonora nas comunidades de São Paulo e nos bailes de rua através da voz de quem realmente vivencia cotidianamente este ambiente social e sonoro. O texto traz a descrição da experiência de Thiago Torres (conhecido como Chavoso da USP), morador de comunidade, ativista de movimentos sociais, YouTuber e estudante de Ciências Sociais na Universidade de São Paulo. Utilizando o conceito de *paisagem sonora* (SCHAFER), o relato de experiência auditiva de Thiago Torres é antecedido de algumas reflexões sobre a relevância desta descrição aos estudos sonoros e musicais, dominados por produções europeias e americanas – ou narrada apenas por especialistas que quando tratam de manifestações periféricas estão sempre de fora do fenômeno.

Palavras-chave

Estudos decoloniais; paisagem sonora da favela; funk; rap.

A voz de quem faz

"Mas, na Rocinha, onde nasci e me criei, sempre ouvia de amigos opiniões do tipo: 'Tu vai ficar andando pra cima e pra baixo com esse pessoal universitário?' Ou então: 'Eles vão te encher de pergunta, vão terminar seus trabalhos e vão sumir sem ao menos dizer o destino da tua entrevista.' Não posso dizer que quem falou estava errado! Infelizmente, na maioria dos casos é assim." MC Leonardo

Este relato de MC Leonardo está no prefácio do livro *Funk-se Quem Quiser: no batidão negro da cidade carioca* da pesquisadora Adriana Carvalho Lopes (LOPES, 2011, p. 13). Muito pode ser dito, mas o que nos interessa aqui é enxergar que quem produz discursos sobre a favela *vaza* dela logo depois. Não ficar na favela dá um olhar, talvez, muito diferente do olhar – ou do escutar – de quem lá permanece.

¹ Thiago Torres, graduando em Ciências Sociais, USP.

² Thiago B. A. de Souza, doutorando pelo departamento de Música da USP.



Há o fato histórico de que a universidade foi durante muito tempo um espaço de elite ou, ao menos, de pessoas muito privilegiadas. Só recentemente a universidade deixou de ser uma *universidade de elite* e se tornou uma *universidade de massas*, como notou Umberto Eco (ECO, 2009, p.10). Hoje, contudo, podemos trazer uma crítica aos privilegiados intelectuais com tranquilidade, podemos ver que os acadêmicos muitas vezes só contribuíram para calar ainda mais as culturas subalternizadas, no caso aqui, a favela.

Ver um(a) intelectual, via de regra branco(a), falando sobre os subalternizados é uma forma bem sofisticada de silenciar este povo: vemos, num primeiro momento, que os oprimidos estão sendo representados, vistos e ouvidos por meio de alguém, o que dá a ilusão de que os subalternizados têm voz. Mentira! Se tivessem mesmo voz, eles mesmos estariam falando e não um(a) engratado(a) de fora. "O subalterno não pode falar. Não há valor algum atribuído à 'mulher-negra, pobre' como um item respeitoso na lista de prioridades globais." (SPIVAK, 2010, p. 126). A "mulher-negra, pobre" é lida aqui como um modelo de toda forma de ser subalternizado(a).

Felizmente, hoje muitas contribuições foram melhor produzidas sobre e pelos subalternizados principalmente a partir de 1985 com a publicação de *Pode o Subalterno Falar* de Gayatri Spivak (1942). O ato das palavras do MC Leonardo abrirem um livro sobre Funk de uma pesquisadora de classe-média (suposição nossa) já demonstra um grande avanço no sentido de dar voz às culturas subjugadas, de dar voz a quem faz o objeto estudado.

Aliás, a troca do termo *subalterno* pelo termo *subalternizado* testemunha um outro avanço nestas discussões.

Departamentos de música são alienados! No geral, nem do subalternizado querem falar.

Se falamos de culturas subalternizadas é porque o propósito aqui é falar do Funk. Sabemos quão subjugado é o gênero, o fato de estar no *mainstream* não significa que o Funk já está digerido e legitimado. Aliás, o Funk-*mainstream* é a minoria, é uma parcela muito pequena, falseada, distorcida, do que é o Funk.

O Funk é um gênero musical presente na vida de muitos jovens, sempre despertou interesse dos cientistas sociais, dos estudiosos da linguagem, antropólogos, estudiosos da comunicação... Mas é os músicos acadêmicos?

O Funk é um fenômeno, sobretudo, sonoro. O Funk é uma visão de mundo, um estilo, uma dança que se manifesta primordialmente em som. O Funk é relevante para pensar o nosso



país. Mas, e os acadêmicos dos departamentos de Música? Estão muito ocupados com Mozart ou com a Europa do XVII ao XX.

Se é complicado um intelectual de fora falar por uma cultura subalternizada, a área da música é mais complicada ainda, pois nem do subalternizado ela quer falar. É possível quase contar nos dedos de uma mão os trabalhos sobre Funk feitos nas universidades públicas de música até 2015. A grande área da música vem mudando aos poucos, mas ainda está muito aquém de um diálogo efetivo com sociedade contemporânea. Claro, referimo-nos a realidade brasileira.

A coletânea de artigos *Etnomusicologia no Brasil*, organizada pelas pesquisadoras Angela Lühning e Rosângela Tugny, traz um histórico de como foi durante muito tempo a grande área da música nas universidades brasileiras, com profundos pré-conceitos, dificuldades em ter projetos aprovados ou conseguir verba para se pesquisar a música de outras culturas além da europeia ou culturas subalternizadas vistas com menor valor (LÜHNING *et* TUGNY, 2016, p. 19-92.)

Chavoso da USP

Deixo de usar a terceira pessoa do plural nesta parte do texto para apresentar – e evitar equívocos, ainda mais porque temos o mesmo nome – o trabalho de Thiago Torres.

Na tentativa de trazer o Funk para uma reflexão musicológica – sem passar pela etapa de falar da favela sem ela mesmo estar presente –, Thiago Torres traz um relato de sua experiência nos bailes de rua e nas favelas. O objetivo de seu relato é:

- 1- dar suporte para a análise do contexto social e musical em que o som Funk acontece; e
- 2- fornecer uma descrição sonora nas favelas de São Paulo, descrição esta que, para os departamentos de música, é uma propriedade intelectual apenas dos músicos estudados.

Thiago Torres ficou conhecido como Chavoso da USP após viralizar nas redes sociais quando publicou um texto no Facebook sobre como é ser de uma quebrada de Guarulhos, estudar Ciências Sociais na ainda prestigiada Universidade de São Paulo e lidar com as diferenças sociais³. Além de ser "cria da Brasilândia", como se define na descrição de seu canal do YouTube⁴, Chavoso é funkeiro, negro e gay. Thiago Torres representa, assim, um acúmulo de formas de ser que durante muito tempo foram excluídas dos discursos oficiais.

³ O texto foi publicado no Facebook em 18 de abril de 2019. Link da postagem: <<https://www.facebook.com/photo.php?fbid=1234489606714949&set=p.1234489606714949&type=3&sfns=xml>> Acesso em 14 de set. 2020.

⁴ Disponível em <<https://www.youtube.com/c/ChavosodaUSP/about>>. Acesso em 14 set. 2020.



Captura de tela da postagem no Facebook de Thiago Torres que viralizou

Cabe relativizar e lembrar que Thiago Torres ocupa uma posição privilegiada, pois, considerando a realidade das favelas brasileiras, terminar o ensino médio já é sinal de certa vantagem (SANTOS, 2015), além de estar inserido no ambiente acadêmico (atualmente cursa o segundo ano de Ciências sociais da Usp).

Outro privilégio que o Chavoso ocupa é o conhecimento de dois universos festivos bem diferentes: frequentador de bailes de favelas nas quebradas de São Paulo e frequentador de festas universitárias, o que dá uma perspectiva rica de contextos diferentes que envolvem o Funk. Aliás, Funk de favela e "Funk universitário" são o mesmo gênero? Veremos.

Descrição Sonora e Paisagem sonora

O relato da experiência do Chavoso da USP é comparado aqui com o conceito de *paisagem sonora* [soundscape] muito usado por Murray Schafer (SCHAFFER, 1997).

Embora seja um conceito trazido pelo urbanista Michael Southworth (WIKIPEDIA), foi Murray Schafer, compositor e pedagogo canadense, quem popularizou a ideia de paisagem sonora, principalmente no livro *A Afinação do Mundo*.

Foi no final dos anos de 1960 e início de 1970 que Schafer começou a trabalhar no grupo de pesquisa *World Soundscape*, da Simon Fraser University, no Canadá. Uma das suas preocupações centrais era pensar sobre e descrever os diversos ambientes acústicos.



Um dado interessante é que o conceito de paisagem sonora tem diversas facetas, do mesmo modo que o trabalho de pesquisa de Schafer foi e é extremamente versátil. Assim, há o lado científico da categorização dos sons ao nosso redor, há o lado da ecologia sonora, há também o lado estético, da criação musical.

Para o musicólogo Carlos Palombini, um dos primeiros exemplos de paisagem sonora na composição musical é a peça *Presque Rien N.1: le lever du jour au bord de la mer* [Quase Nada N. 1: o nascer do sol a beira-mar], do compositor francês Luc Ferrari (1929-2005) de 1970 (YOUTUBE, Paisagem sonora - Opinião Minas). Esta peça é resultado de uma gravação de cerca de uma hora do ambiente sonoro de uma praia na Iugoslávia que foi editada e resultou na música de pouco mais de vinte minutos.

Hoje, sabemos que o trabalho de Schafer sofreu muitas críticas e revisões (ARAGÃO, 2019). Há também o fato de que paisagem sonora, *soundscape*, virou um conceito com definição precisa na ISO⁵, a *International Standardization Organization* [Organização Internacional de Padronização]: "o ambiente acústico conforme percebido ou experienciado e/ou entendido por uma ou mais pessoas em determinado contexto"⁶.

A construção de saberes musicológicos sobre a favela pela favela

Apesar de todo o histórico do conceito de paisagem sonora, o que mais interessa aqui é o relato da experiência sonora de Thiago Torres para a construção de um repertório de textos e artigos sobre a favela, sobre o funk, um repertório que seja narrado e protagonizado pela própria comunidade.

Este artigo é, portanto, uma parte muito pequena deste objetivo maior e a longo prazo, conduzido tanto na minha trajetória de pesquisa quando no trabalho de Thiago Torres.

Cabe destacar que o trabalho do jovem estudante Chavoso tem ganhado muita visibilidade e ocupado uma posição de destaque. Hoje, 13 de setembro de 2020, seu canal do YouTube conta com quase 100 mil inscritos e vem crescendo de forma rápida nos últimos meses. Há também seu Instagram, com quase 60 mil seguidores, e seu Twitter, com quase 40 mil seguidores. Além disso, há inúmeras matérias jornalísticas sobre o jovem de 20 anos, o que dá a Thiago Torres um lugar privilegiado de representação de jovens periféricos funkeiros.

⁵ Disponível em <<https://www.iso.org/standard/52161.html>>. Acesso em 14 set. 2020.

⁶ Tradução nossa da definição em inglês da ISO 2014 "the acoustic environment as perceived or experienced by and/or understood by a person or people, in context". Disponível em: <<https://www.iso.org/standard/52161.html>>. Acesso em 14 de set. 2020.



Com estes dados, considero o trabalho de Thiago como um lugar em que os jovens de periferia se sentem representados, o que pode dar à sua descrição sonora um retrato fiel do pensamento musical dos jovens periféricos.

Embora, os mais ortodoxos da musicologia acreditem que só os estudiosos da música tenham algo de valor a acrescentar nas discussões sobre qualquer fenômeno musical e sonoro, saber o que é pensado e visto por quem vive o funk e está na favela é fundamental para a análise do contexto social e musical do movimento Funk.

Aqui vale dizer ainda que, como muitos jovens de periferia, Thiago Torres teve acesso a educação musical: teve aulas de violino em igreja evangélica, mas não continuou os estudos musicais. Não uso o instrumento, símbolo da cultura musical europeia, para dar legitimidade musicológica a fala do rapaz, apenas destaco esta curiosidade em sua história pessoal, que é vista aqui como um modelo da trajetória de muitos jovens de quebrada.

Chavoso refletindo via *WhatsApp*

Em 12 de junho de 2020, após algumas conversas nossas sobre a ideia deste artigo, Thiago Torres envia a mim um áudio de 24 minutos e 12 segundos via *WhatsApp*.



Captura de tela da conversa em *WhatsApp* com Thiago Torres, onde se vê a data e a duração do áudio enviado

A fala de Thiago Torres segue transcrita na íntegra. Procurei respeitar na escrita sua discurso falado, apenas separei por tópicos.



1. periferia é periferia em qualquer lugar

Então, mano, vou começar refletindo um pouco sobre o trabalho que estou fazendo com o álbum *Sobrevivendo no inferno*⁷.

Eu sei que a sua pesquisa é focada no funk mas não tem como falar de sonoridade e música na periferia sem falar do rap, porque é um outro estilo muito forte, muito ouvido, pela juventude principalmente.

Hoje de manhã, agora há pouco, eu estava terminando de gravar meu próximo vídeo dessa série sobre o *Sobrevivendo no Inferno* e ontem à noite eu estava trocando uma ideia com um parceiro meu, da quebrada também, só que de outra – inclusive de outra bem longe, mora no interior de São Paulo, estuda na USP também, a gente se conheceu lá, mas ele mora numa quebrada em Piracicaba. É muito curioso porque o *Sobrevivendo no inferno* traz justamente essa ideia de que periferia é periferia em qualquer lugar, tá ligado? Porque o que a gente passa aqui, eles estão passando lá, enfim, as realidades são muito parecidas.

2. quem não vive a periferia ouve diferente

A gente estava conversando sobre o *Sobrevivendo no Inferno*, e aí nós dois refletimos sobre uma coisa muito interessante. Sobre como o rap age nas pessoas da periferia de duas formas. Ele consegue agir tanto na nossa racionalidade quanto na nossa emoção, porque, ao mesmo tempo que ele faz a gente refletir sobre aquelas letras com críticas sociais, ele toca nos sentimentos e a gente sente muita coisa ouvindo as letras. Então, isso é o que diferencia uma pessoa da periferia e uma pessoa que não é da periferia ouvindo o rap, por exemplo.

Eu acho que isso pode se encaixar no funk também mas eu vou explicar melhor depois. Uma pessoa que não é da periferia ouvindo o rap vai analisar aquela letra, ela consegue fazer uma análise crítica, aquilo vai tocar na racionalidade dela – às vezes até na emoção porque a gente vê muitas pessoas falando "nossa eu ouvi a música e chorei, fiquei emocionado" – mas o conteúdo do rap é visto de uma forma descritiva. Na cabeça deles, na cabeça dessas pessoas que não estão nessa realidade periférica, aquilo é uma simples descrição de coisas, então é visto de uma forma muito mais racional do que emocional.

E a gente quando ouve, além de pensar sobre a letra, aquilo ali está tocando nossas emoções, nas nossas memórias, nossos sentimentos, é por isso que causa um impacto muito diferente. E eu estou usando isso para contextualizar porque eu acho que o funk também se aplica nisso. Está certo

⁷ O trabalho que Thiago Torres se refere é um série de vídeos em seu canal do YouTube, Chavoso da USP, em que analisa o álbum *Sobrevivendo no Inferno* do grupo de rap, Racionais MC's. Estes vídeos podem ser acessados pelo link:

<https://www.youtube.com/watch?v=HpWJNX2ICIM&list=PLOKpOES_n1lodY9nDmzJGAq0nqnXWxh2y>, último acesso em 14 de set. 2020. A repercussão das análises de Thiago sobre álbum fez que a página oficial do grupo de rap Racionais compartilhasse um dos vídeos em seu Twitter em 25 de junho deste ano:

<<https://twitter.com/RACIONAISCN/status/1276258869258436610>> Acesso em 14 set. 2020.



MÚSICA DECENA MÚSICA EMCENA

que geralmente o funk não tem letras muito reflexivas – geralmente não tem, estou generalizando, você sabe que existe o funk consciente e tudo mais –, inclusive eu acho que esse é um dos motivos para tantas pessoas de classe média desprezarem tanto funk, elas não veem aquilo com a emoção, veem de uma forma muito crítica, muito descritiva.

Elas vão pegar o que a letra está descrevendo. E está descrevendo uma coisa que, para elas, não faz nenhum sentido, coisas do tipo "joga a boceta em mim", "desce o rabetão", "quica no pai". Eu estou citando o funk putaria, mas poderia citar letras falando sobre drogas, sobre tráfico, sobre bailes. Como falei, a pessoa que está analisando isso mais racionalmente, criticamente, descritivamente, não vai achar nenhum sentido nisso.

3. o interesse da classe média pelo funk

Depende, claro. Pode ser que sim, pode ser que não, mas de modo geral a gente vê que não. No máximo essas pessoas conseguem prestar atenção na batida. Eu acho que isso explica muito do porquê que o funk está ficando mais famoso entre a classe média universitária por exemplo, anos atrás era muito restrito à favela, quem ouvia fora da favela, todo mundo discriminava.

Hoje em dia, a classe média está ouvindo também. E talvez um dos fatores seja, eu acho, a atenção prestada nas batidas que se tornaram mais variadas também, antigamente as batidas eram mais padronizadas. Mas, ainda assim, não existe aquela conexão sentimental⁸.

O funk para quem é da periferia toca de um jeito diferente.

4. a matriz africana do funk

E sobre ritmo de matriz africana no Funk, eu acho que inclusive esse é outro fator que me toca, sabe? Eu sei que é uma explicação meio mística. Mas, eu particularmente sou espírita e frequento a Umbanda também, então, tenho esse lado de acreditar na ancestralidade, de acreditar numa vida espiritual, em vidas passadas, então, não sei, mas isso me toca de um jeito também. [O funk dá] uma sensação muito doida de você tá num terreiro de Umbanda, por exemplo.

A primeira vez que eu fui num terreiro de umbanda, eu percebi que algumas batidas eram iguais as batidas do funk, fiquei muito chocado. Aquilo me tocou de um jeito... Eu penso muito isso de um modo geral, o funk e qualquer outro ritmo periférico, o rap e até o forró mesmo, tem uma conexão diferente com quem é dessa realidade, sabe? Com quem nasceu e cresceu nessa realidade, com quem ainda vive nessa realidade.

5. conexão sentimental na escuta

⁸ A ideia de sentimento para Thiago, não tem nenhuma relação aqui, ao que parece, com a ideia romântica, mas sim com a ideia de uma memória afetiva.



MÚSICA DECENA MÚSICA EMCENA

Existe uma conexão ali, sentimental, espiritual, talvez, que não existe com quem não está nessa realidade. Você pode ouvir, apreciar, ouvir, gostar, mas não é a mesma coisa. É como eu ouvindo *pop* internacional, música clássica, ou até rap norte americano, ou qualquer outro estilo estrangeiro, sabe? Não é uma realidade.

O forró e o sertanejo, por exemplo, são ritmos muito ouvidos nas periferias de São Paulo também, mas, pelas pessoas mais velhas. Geralmente os mais velhos, que são nordestinos muitas vezes, ouvem muito forró, sertanejo e outros desses ritmos. E os mais jovens ouvem funk e rap principalmente. E aí tem muito a ver com conexão, sabe? Muitas vezes, os filhos dessas pessoas [mais velhas] nem gostam do que os pais ouvem, os pais não gostam do que os filhos ouvem, porque são realidades diferentes. As mães e os pais dos mais jovens têm uma história diferente porque nasceram no sertão, vieram pra cá. Os filhos já frequentam um baile, estudam na escola pública, onde têm uma outra cultura. Então, tem toda uma série de culturas próprias dessas regiões

6. trilha sonora da vida do jovem de quebrada

Para os mais jovens, o funk se conecta demais, está presente na maioria das confraternizações, dos eventos ou ocasiões, sabe? É juntar com seus amigos, seus vizinhos para fumar um narguile e deixar o funk tocando no fundo, você nem tá ouvindo, nem tá refletindo, só está precisando de um sonzinho de fundo e esse som vai ser um funk. Se não for na tabacaria, você junta o pessoal na rua para ficar batendo papo e o carro vai ficar ligado tocando um funk. É basicamente um som de fundo, uma trilha sonora da periferia. Para não ficar em silêncio, você coloca um funk para tocar no fundo. Ou, como fui falando, pode ser um rap, pode ser um sertanejo, pode ser um brega funk etc.

7. músicas que marcam nossa história

E isso vai te marcando, entendeu? Toda ocasião que você se junta, as pessoas, amigos pra fazer alguma coisa que vocês gostam – seja conversar, seja fumar um, seja beber –, tem um funk tocando ali no fundo, né? Às vezes, algumas dessas músicas vão te marcar por causa daquele momento ou uma fase da sua vida.

Eu me lembro perfeitamente das músicas que marcaram minha pré-adolescência, *Ah lelek* foi uma que marcou demais, mas também *Mundo M* do MC Lon, *Partido P*. Foram músicas muito fortes naquela época, por volta de 2010, 2011 e me marcaram, sabe? Emocionalmente, é um negócio que gera aquela famosa nostalgia, é algo que de eu ouvi e, na minha cabeça, me transportar para aquela época, para aquele lugar para aquelas vivências que eu tive. Outro exemplo é *Baile de Favela* quando estourou. Você tem lembranças guardadas na cabeça e sentimentos desses momentos dessas lembranças, coisa que a pessoa que não é dessa realidade não tem porque não houve no dia-a-dia.



8. o funk que soa a revelia na favela

Inclusive interessante falar isso, claro que estou generalizando. Eu acho que você Thiago, por exemplo, deve ouvir um pouco mais porque você pesquisa, e tem que tá pesquisando e ouvindo, mas uma pessoa de classe média típica não costuma ouvir no dia-a-dia dela, ouve quando ela está numa festa, numa balada. Geralmente é só isso. Já a gente, não é que a gente ouve o tempo todo, mas todo dia pelo menos constantemente você acorda já está tocando um funk. Sei lá, você vai dar uma volta na rua ouvindo funk, porque é muito comum, é a cultura da periferia. E, pensando nesse sentido, o funk é o tipo de coisa que você não necessariamente faz porque quer e você refletiu sobre isso de forma crítica "eu quero ouvir funk", é cultura no sentido de ser um hábito, um costume, você nasce e cresce nesse meio com as pessoas ouvindo funk ao seu redor. Para você é totalmente natural.

9. putaria naturalizada

Eu não me incomodo nem um pouco de ouvir todo tipo de putaria que é falado nas letras. O que me incomoda é quando existe machismo escancarado, estupro, pedofilia. O incomodo é porque eu estudei. Eu sei que é errado. Eu me inseri em debates sobre o feminismo, sobre a pedofilia, sobre todo esse tipo de coisa. Entrei nessas roda de debate, assisti palestras e li livros, então, eu consigo identificar o que é uma apologia a esse tipo de coisa. Mas, a pessoa-senso-comum, que cresce nessa cultura ouvindo isso não vai refletir se isso ou aquilo ali é certo ou errado, torna-se algo naturalizado.

Da mesma forma que, na minha cabeça, ouvir uma música com um cara falando que vai gozar na cara da pessoa, que está com pau duro, é uma coisa mais naturalizada pra mim, se eu falar isso numa rodinha de gente de classe média universitária o pessoal fica horrorizado e fala "Meu Deus", sabe? Já se eu falar isso aqui na rua, é natural, totalmente banalizado.

10. não tem como escapar do funk

Falei que o funk é culturalmente ouvido na periferia, ou seja, é um hábito, um costume no qual estamos inseridos. Então, você aprende a gostar mesmo que por osmose, involuntariamente.

Claro que tem muitas pessoas que não gostam mesmo morando na periferia. É natural. Mas a tendência é que você ouça porque todo mundo ao seu redor vai estar ouvindo o tempo todo. Você não tem como escapar disso. Se nem na sua casa você consegue escapar – porque seu irmão está ouvindo, seu vizinho tá ouvindo no último volume, para um carro na sua rua e começa a tocar – fazer o quê? Ou, imagina que você mora numa rua de baile, por exemplo.



MÚSICA DECENA MÚSICA EMCENA

Você cresce nesse meio, uns vão desenvolver raiva e não vão gostar mesmo, outros simplesmente vão crescer gostando, porque aprenderam a gostar.

Não estou querendo dizer, obviamente, que quem gosta de funk é alienado, gosta porque foi manipulado, não! Gosta porque é um tipo de cultura que você se identifica.

11. funk não é cultura hegemônica

Um ponto interessante é que não é uma cultura hegemônica, não é uma cultura da mídia burguesa, da indústria cultural – por mais que eu ache que a indústria cultural esteja tentando se apropriar do funk que nos últimos anos, para mercantilização – ainda continua sendo uma cultura periférica, criada, produzida na periferia. É muito raro, eu pelo menos não conheço, funkeiros que não sejam da periferia, acho que de vez em quando surge um doido aí, mas nem tem popularidade, nem é ouvido.

12. funkeiros higienizados (funk favela e funk classe média)

Vale lembrar que os funkeiros que são ouvidos nos bailes são outros, são diferentes dos que são ouvidos nessas festinhas universitárias. Esses que ficam famosos na mídia são totalmente diferentes. Acho que até seria interessante falar sobre isso. Isso tem tudo a ver com o que eu falei dos propósitos e dos contextos em que a gente ouve o funk. Porque, para o pessoal da periferia, funk é uma trilha sonora de fundo. Periferia é onde você nasceu e cresceu ouvindo essas músicas o tempo todo praticamente, fica algo natural, seu cérebro se adapta, acostuma-se a isso, você gosta de ouvir funk constantemente.

E enquanto que as pessoas de classe média, geralmente ouvem numa balada, numa festa. Então, como o contexto que elas ouvem é só esse, de balada, de festa, elas vão se acostumar a ouvir mais os funkeiros que falam sobre dançar funk, que falam sobre dança. E os que ficam mais famosos são os que são comprados pela indústria cultural. A indústria cultural seleciona alguns funkeiros que ela deseja tornar famosos, compra e vende para a sociedade. Não coincidentemente esses funkeiros geralmente são brancos. É o processo de higienização, ou de embranquecimento de uma cultura quando ela é apropriada pela indústria cultural. Isso sempre acontece.

Então, sempre selecionam alguns funkeiros brancos, ou pelo menos com a pele mais clara possível, para fazer e obter sucesso e supostamente representar o funk, uma pessoa que vai ser a cara do funk. Mas, essa pessoa só vai conseguir tocar nas festas de branco de classe média, de classe alta. Quando esse selecionado toca na periferia é muito raramente. Quer dizer pode até tocar no dia-a-dia sim, dependendo do contexto, tem muito isso, depende do contexto. Você vai ouvir funks diferentes em contextos diferentes. O pessoal de classe média, o universitário só vai ouvir na balada, então vai ouvir um tipo específico de funk: funk para dançar. Normalmente pode entrar um outro ritmo como um funk de baile, ou funk putaria, desde que eles tenham um ritmo mais dançante.



MÚSICA DECENA MÚSICA EMCENA

13. um funk pra cada momento

Na periferia, como a gente vê vários estilos de funk, você vai ouvir os vários estilos dependendo do contexto e dependendo do seu humor também. Por exemplo, tô aqui suave na minha casa, estou relaxando, descansando ou dando uma volta de bicicleta na rua, uma volta de carro, neste caso, o mais comum é você ouvir um funk consciente porque soa mais tranquilo, você fica mais suave assim.

Não sei, vamos fazer um parênteses aqui porque isso pode variar de quebrada pra quebrada, né? Eu sei que aqui na Zona Norte pelo menos o funk consciente na região aqui onde eu moro é muito ouvido – aqui é Guarulhos, Jaçanã, Edu Chaves, essa região aqui na Vila Medeiros. É muito comum na nossa cultura de hoje um funk mais consciente no dia-a-dia, é dar uma volta de carro, de bicicleta, até estando em casa mesmo ouvindo esse funk tipo MC Hariel – que é daqui da Zona Norte, por exemplo – ou MC Don Juan. Mas, de qualquer forma, eu acho que é a cultura geral da periferia: eu tenho amigos em outros quebradas também, quando eu vou visitar eles é assim.

Aí você está num dia do tipo "vou beber, vou pro bar, vou pra tabacaria", nesse caso, varia, mas o pessoal ouve algo mais animado, mais dançante, mais de baile. E mesmo pra bar e tabacaria é mais comum um consciente. Funk de baile, o Mandela mesmo, é pra tocar em baile, o nome já diz, é mais comum, você já está mais alterado.

Entende o que quero dizer, tem vários ritmos, várias batidas, vários tipos diferentes. Você vai ouvir dependendo do contexto e do seu sentimento, depende de com quem você está, sabe? Depende do que você está fazendo, é isso que vai te marcar. Como eu falei antes, isso vai marcar os momentos da sua vida que você está vivendo com alguém, em algum momento. algum contexto que aquilo lá vai te marcando.

Então eu acho que o que dá para concluir é isso. O Funk está muito presente no nosso dia-a-dia, querendo ou não. Não necessariamente ele precisa ser um ritmo que vai te instigar o raciocínio crítico, seria bom se fosse, já que ele tem uma inserção muito grande na periferia. Quanto mais crítico ele fosse melhor. Mas, como eu venho falando várias vezes, não é necessariamente o ritmo que quer conscientizar, quer ser uma trilha sonora do momento que você está vivendo, para você desfrutar daquele sentimento e daquele momento.

14. música das nossas vidas

É isso, mano, o funk descreve a realidade porque é isso que você conhece. Eu estou aqui com meus amigos na tabacaria, fumando narguilé e bebendo, vou ficar ouvindo que música clássica, vou ficar ouvindo pop norte americano? Eu quero uma música que descreve o que eu estou fazendo aqui com meus parceiros bebendo, dançando. A descrição daquilo que está acontecendo, a descrição da realidade do dia-a-dia. É simplesmente isso,



MÚSICA DECENA
MÚSICA EMCENA

você está descrevendo as experiências que você tem: ir no baile e na tabacaria, no bar, na praça, tomar enquadro da polícia, pegar uma mina, flertar com elas ou com eles – no caso das meninas, das mulheres que são funkeiras – de dançar e rebolar, de fazer tatuagem, comprar roupas caras, comprar uma moto. É a realidade da periferia. Você está escrevendo aquela realidade, a realidade em que você e os seus ouvintes vivem, para que eles ouçam e naturalizem. A trilha sonora das nossas vidas. Simples assim. Para que a vida não fique silenciosa e sem graça, o funk tá lá no fundo.

15 . Para que a vida não fique silenciosa e sem graça, o funk tá lá no fundo

Só para concluir de verdade, já que falei dessa parte de uma vida sem graça, lembrei o quanto o funk é uma coisa que me deixa pra cima, aquela batida alegre. É você pegar um ônibus pra ir trabalhar às seis horas da manhã e tá com aquele funk, um fone no último volume. Você tá na escola, aula chata, e você está lá no fundão com fone de ouvido no último volume, sabe? E a gente ouve sem saber porque, dá uma sensação de prazer. Tem aquelas substâncias de prazer que eu não lembro o nome que se liberam no seu cérebro pra dar uma sensação de mais tranquilidade, mais relaxamento e ânimo também. Eu me sinto assim, muito animado, eu posso ter acabado de acordar, estar triste, caindo, não quero levantar, se eu ouvir um funk já fico animado na hora. Isso mexe muito com a gente.

Referências

ARAGÃO, Thais Amorim. **Paisagem sonora como conceito: tudo ou nada?** Revista Música Hodie, 2019, v.19: e53417. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/332786025_Paisagem_sonora_como_conceito_tudo_ou_nada/link/5ce9a1fa299bf120978d85ad/download. Acesso em 14 de set. de 2020.



LÜHNING, Angela; TUGNY, Rosângela Pereira de (Org.). **Etnomusicologia no Brasil**. 1 ED. Salvador: EDUFBA, 2016.

LOPES, Adriana Carvalho. **Funk-se Quem Quiser: no batidão negro da cidade carioca**. Rio de Janeiro: Bom Texto, Faperj, 2011.

SANTOS, Jonas Sales dos. **JOVENS DE FAVELA E ENSINO MÉDIO: trajetórias diversas**. Dissertação apresentada ao Programa de Pós- graduação em Educação da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro. 2015. Disponível em <http://www.unirio.br/ppgedu/dissertacoes/DissertaoPPGEduJONASSALESDOSSANTOS.pdf>. Acesso em 14 set. 2020.

SCHAFER, Murray. **A Afinação do Mundo**. São Paulo: Editora Unesp, 1997.

WIKIPEDIA. **Soundscape**. Disponível em https://en.wikipedia.org/wiki/Soundscape#cite_note-3-1. Acesso em 14 set. 2020.

YOUTUBE, **Paisagem sonora - Opinião Minas**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=u3u3pUxLF9c>. Acesso em 14 set. 2020.